

O papel do discurso do outro na crônica

The role of discourse of someone else in chronicle

Cleide Inês Wittke

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL/BRASIL)

RESUMO

A voz do outro está presente no nosso falar cotidiano, no dizer retórico, e no discurso literário. Nessas condições e sob uma perspectiva dialógica e polifônica bakhtiana (1981, 1992), este artigo objetiva identificar e compreender o modo como o discurso do outro, mostrado ou velado, segundo Authier-Revuz (1982, 1998), manifesta-se no dizer literário. Para tanto, selecionamos duas crônicas, ambas publicadas no jornal Zero Hora (RS), com o intuito de analisar sob quais estratégias discursivo-linguísticas a voz do outro se manifesta, e também os efeitos de sentido que produz no texto. Investigamos o funcionamento dos discursos direto, indireto e indireto livre, bem como de outros indicadores, marcados ou não, relacionando-os com o dizer do locutor/narrador que, ora busca aproximar-se, ora, afastar-se da voz do outro, dependendo do efeito semântico que busca produzir.

PALAVRAS-CHAVE: Voz Mostrada e Velada. Discurso Literário. Perspectiva Discursiva Bakhtiniana.

ABSTRACT

Someone else's voice is present in our daily talking, in the rhetorical way of saying, and in literary discourse. From a bakhtinian dialogic polyphonic perspective (1981, 1992), this paper aims to identify and understand whereby someone else's discourse, either clear or disguised, according to Authier-Revuz (1982, 1998), is manifested in the literary way of saying. We selected two chronicles published in a Brazilian newspaper, namely Zero

* Sobre a autora ver página 116-117.

Hora, aiming at analysing how someone else's voice under discourse linguistic strategies is manifested and how his or her sense effects are realised textually. We investigated how free indirect, indirect, and direct discourses work, considering other indicators, whether marked or not, by relating them to the transmitter's way of saying, which at the same time seeks for bringing closer, and moving away from someone else's voice, depending on the semantic effect that intends to convey.

KEYWORDS: *Clear and Disguised Voice. Literary Discourse. Bakhtinian Discourse Perspective.*

1 Introdução

O discurso relatado, conforme denomina Bakhtin (1981, 1992), tem sido um assunto bastante discutido, mesmo assim, ainda há muito para estudar sobre sua modalidade linguística e acerca de seu efeito sociodiscursivo e estilístico. Para Bahktin (1992), não existe um discurso primeiro, nem um último, porque o atual funciona como resposta aos anteriores e também suscitará novos discursos. Pode-se dizer que é de consenso que o discurso do outro está presente tanto no falar cotidiano, no retórico, quanto e principalmente no literário, sendo ora revelado, ora velado, o importante é que está lá, marcado ou não, produzindo efeitos de sentido. Nessa ótica, o presente artigo objetiva identificar e também compreender o modo como o discurso do outro se manifesta na crônica. Para tanto, após investigar diversas crônicas publicadas no jornal Zero Hora (RS), selecionamos duas delas como *corpus* deste estudo.

A partir do princípio de que o discurso relatado se faz presente no gênero crônica, levantou-se duas hipóteses. A primeira diz respeito ao fato que às vezes o locutor aproxima-se mais desse dizer, tornando-o menos marcado; outras vezes afasta-se dele, mostrando-o com nitidez, dependendo do efeito semântico que deseja produzir. Já a segunda hipótese tem como base a noção de que a intervenção do outro ocorre por meio de indicadores como aspas, itálico, ironia, e também através do uso de diferentes discursos, a saber: discurso direto (DD), discurso indireto (DI), discurso direto livre (DDL) e discurso indireto livre (DIL). Este estudo tem como base responder as seguintes questões: De que modo o discurso do outro atua na narrativa curta?, Quais são os efeitos de sentido produzidos pelo discurso citado e também pelo velado?, O que são e como funcionam os DD, DI, DDL e DIL, modalidades linguísticas tão importantes ao dizer narrativo?

Esta proposta fundamenta-se na perspectiva dialógica e polifônica de Bakhtin (1981, 1992), na medida em que o autor explicita o modo como surgiram e foram funcionando os DD, DI e, em especial, o DIL na literatura. Tais esquemas linguísticos operam em função da maior ou menor necessidade de o locutor/narrador identificar-se com nitidez, ou não, com o discurso citado. Esses dizeres refletem como ocorre a inter-relação entre o contexto narrativo (narrado) e o discurso do outro que, segundo Bakhtin [Volochinov]

(1981), é fruto da realidade social e ideológica de cada época. Tal análise remete à origem do tema polifonia¹, que serve como divisor de águas entre o dizer do autor autoritário, enunciador de uma única voz (como é o caso da obra de Tolstói), e do autor polifônico, carnavalesco, aquele que deixa fluir várias vozes (característico na obra de Dostoievski). Nosso estudo do dizer de outrem também se orienta a partir da proposta psicanalítica de Authier-Revuz (1982, 1998), com sua heterogeneidade constitutiva e mostrada, pois somos solidários a seu ponto de vista de que a heterogeneidade faz parte da natureza da linguagem, podendo estar ou não marcada no dizer.

2 O discurso do outro sob um enfoque bakhtiniano

Para Bakhtin [Volochinov] (1981), o discurso citado é o discurso no e sobre o discurso; é a enunciação na e sobre a enunciação. Nesse sentido, enquanto aquilo que falamos é o conteúdo propriamente do nosso dizer, o discurso do outro é mais do que isso, pois pode entrar no discurso e na sua construção sintática, produzindo uma unidade integral nessa construção. E, nas palavras de Bakhtin [Volochinov] (1981, p. 144), “o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama lingüística do contexto que integrou”. Nessas condições, ao investigar o discurso citado, não podemos nos ater apenas a seu conteúdo, pois tal análise mostrará como e de como modo o fulano fala, todavia, só podemos saber o que ele diz, caso se analise suas palavras, mesmo que seja por meio do discurso indireto.

Ao integrar-se à enunciação da unidade estrutural do discurso narrativo, o discurso citado passa a constituir-se como seu tema, pois um tema autônomo torna-se um tema do tema. Nesse enfoque, o falante vê o discurso citado como sendo a enunciação de outra pessoa, independentemente de sua origem, que possui uma construção completa e está localizada fora do contexto narrativo. O discurso do outro passa a fazer parte do contexto narrativo, conservando o seu conteúdo e, em partes, sua integridade lingüística de origem; no entanto, ao integrar-se a outra enunciação, ele precisa ajustar-se às regras sintáticas, estilísticas e composicionais, elaboradas pelo dizer em questão, neste caso, o narrativo.

Bakhtin [Volochinov] (1981) defende que o sujeito que apreende a enunciação do outro não é um ser mudo, sem palavra; ao contrário, é um ser pleno de dizeres interiores. Assim, esse sujeito mediatiza sua atividade mental via discurso interior, relacionando-o com o discurso que é apreendido do exterior. É, enfim, no discurso interior que o sujeito apreende e aprecia o discurso do outro, em que opera a orientação ativa do falante.

A relação entre o discurso citado e o contexto narrativo pode seguir dois princípios: visar à conservação da integridade e autenticidade do discurso de outrem, com fronteiras nítidas; ou ainda, a diluí-lo no discurso narrado. Conforme Fiorin (2006, p. 170), há duas maneiras de incorporar o discurso do outro nos enunciados:

¹ Faraco (2009, p. 77) explicita que a noção de polifonia foi adotada por Bakhtin com base no vocabulário da música, pois o autor usou esse termo para “qualificar o projeto estético realizado por Dostoievski em seus romances de maturidade”.

a) aquela em que o discurso do outro é abertamente citado e nitidamente separado; b) aquela em que o enunciado é bivocal, ou seja, internamente dialogizado. Na primeira categoria, entram formas composicionais como o discurso direto e o discurso indireto, as aspas, a negação; na segunda, aparecem formas composicionais como a paródia, a estilização, a polêmica velada ou clara; o discurso indireto livre.

No primeiro caso, tem-se o estilo linear, em que os esquemas linguísticos e suas variantes esforçam-se para isolar o discurso citado, protegendo-o da infiltração de entoações do locutor/narrador, estabelecendo fronteiras visíveis, o que, no entender de Bakhtin (1981), corresponde a uma fraqueza do fator individual interno. Nessa situação, a apreensão e a transmissão do discurso do outro é linguisticamente despersonalizada e mantida em blocos isolados, separados.

Todavia, no segundo caso - o estilo pictórico - ocorre o contrário, pois, com caráter bem mais individualizado, nele, esclarece Bakhtin [Volochinov] (1981), “o contexto narrativo esforça-se por desfazer a estrutura compacta e fechada do discurso citado, por absorvê-lo e apagar suas fronteiras” (p. 150). Para o autor, dentro do quadro pictórico há diversos tipos que variam conforme o grau de envolvimento do narrador. Por exemplo, o narrador pode distinguir totalmente as fronteiras do discurso citado, com o intuito de colori-lo com sua própria entoação, com seu humor, sua ironia, sua raiva, sua admiração, seu apego, dentre outras manifestações, o que é característico do Renascimento: fim do século XVIII e quase todo o XIX. Existe também outro tipo: quando o dominante é o discurso citado, pois ele é mais forte e acaba envolvendo o contexto narrativo em que se enquadra, dissolvendo-o. Bakhtin [Voloschinov] cita a obra de Dostoievski como exemplo.

Ainda outra forma de transmissão do discurso citado (sob modelo misto) é o DI sem sujeito aparente, no entanto, a mais complexa delas é a do DII, porque dilui por completo as fronteiras do discurso citado. Segundo Bakhtin [Volochinov] (1981), ao examinar as tendências da apreensão ativa do discurso do outro, é necessário dar atenção a todos os fenômenos linguísticos em questão, principalmente, em relação ao objetivo que o discurso narrado pretende alcançar. Pode-se dizer que o discurso literário, por sua própria natureza, é mais livre do que o discurso retórico no modo como lida com o discurso citado. Talvez seja porque o discurso retórico esteja mais engajado com os direitos de propriedade da palavra e preocupa-se com a questão da autenticidade e isso o faz lidar com menos liberdade com o discurso do outro.

Segundo Bakhtin [Volochinov] (1981), existem esquemas básicos que expressam linguisticamente a relação estabelecida entre o discurso citado e o narrado. Esses esquemas realizam-se através de variantes, as quais indicam, por sua vez, a relação de força existente entre o discurso citado e o narrado, em dado momento do desenvolvimento da língua. É, então, nas variantes que encontramos as alterações na maneira como determinado grupo social expressa a relação entre o discurso do outro e o narrado. Para o estudioso, as variantes

se encontram na fronteira da gramática com a estilística, sendo muito difícil estabelecer limite entre o sistema gramatical e sua variante estilística.

No entender de Bakhtin [Volochinov] (1981), cada esquema expressa determinada tendência à apreensão ativa que faz do discurso do outro. Em outras palavras, cada esquema recria de modo específico a enunciação, atribuindo-lhe uma orientação particular. Por isso não se pode passar de um discurso a outro sem efetuar os devidos ajustes, característicos de cada esquema. A tendência analítica do DI sustenta-se no fato de que os elementos emocionais e afetivos desse discurso não podem ser expressos no conteúdo, mas somente nas formas de sua enunciação. As abreviações, elipses, hesitações e outras manifestações emocionais típicas do DD, não podem ser expressas no DI, em função de seu caráter analítico. Sob tais condições, as particularidades de construção e de entoação típicas dos enunciados interrogativos, exclamativos e imperativos não são mantidas no DI, uma vez que se revelam apenas em seu conteúdo. É nesse sentido que Bakhtin [Volochinov] (1981, p. 159) diz que “a análise é a alma do DI”.

Conforme o autor, na primeira variação (analítica do DI), a personalidade do falante só existe à medida que ocupa uma posição semântica determinada e, fora dela, quando transmitida de maneira estritamente objetiva. O oposto ocorre com a segunda (estilo linear), em que a individualidade do falante é apresentada de maneira subjetiva, como modo de pensar e de falar, o que implica um julgamento de valor simultâneo do narrador sobre tal modo.

Além dessas duas formas, Bakhtin [Volochinov] (1981) identifica uma terceira variante: a impressionista, especialista em transmitir o discurso interior, os pensamentos e os sentimentos da personagem. Ela expressa o discurso do outro com bastante liberdade, indicando somente seus temas e seus dominantes, sendo que a entoação do narrador flutua livre e com facilidade sobre sua estrutura fluídica. Quando há solidariedade total entre narrador e personagem, sobrepondo-se uma entoação à outra, fundindo plenamente suas vozes, ora pertencendo ao discurso de um, ora de outro, tem-se o DIL que, segundo Bakhtin [Volochinov] (1981), constitui o caso mais importante e sintaticamente melhor fixado de convergência interferente entre dois discursos, portanto, deve receber um estudo bem detalhado.

Em 1914, Bally identificou o DIL na sua forma mais pura, com as figuras de pensamento. Nessa perspectiva teórica, do ponto de vista gramatical, é o discurso do narrador, mas, de acordo com o sentido (enquanto fenômeno extralinguístico), é o da personagem. Para Bally, o esquema do DI inclina-se ao do DD, funcionando o DIL como passagem de um para o outro. Mais tarde, em 1921, Lerch definiu o DIL como discurso vivido, denominando o DD de discurso repelido e o DI de relatado. Para Bakhtin [Volochinov] (1981), o DIL não serve para ser utilizado na conversação direta, mas em representações de cunho literário, quando seu valor estilístico é imenso, já que é por excelência a forma do imaginário. No processo de criação, as personagens constituem a realidade do artista que lhes dá a palavra, como no DD, ouvindo-os falar. Tais vozes são transmitidas na forma do DIL, como acontece nas fábulas de La Fontaine, por exemplo.

Ao investigar como surgiu o DIL, Bakhtin [Volochinov] (1981) percebeu que, no francês antigo não havia formas lógicas que possibilitassem uma verdadeira diluição do discurso do autor/narrador com o de sua

personagem. E foi essa insuficiência gramatical, e não o procedimento estilístico livre que criou condições para que surgisse o DIL. Esse discurso foi fruto da incapacidade de o autor/narrador separar gramaticalmente seu ponto de vista do de suas personagens.

O processo linguístico objetivo do DIL combina as entoações da personagem (empatia) e as do autor/narrador (distanciamento) em uma mesma construção linguística. No DIL, explica Bakhtin, a palavra citada não é identificada somente pelo sentido isolado, mas pelas entoações específicas da personagem; enfim, pela orientação apreciativa do discurso. O próprio desenvolvimento do DIL está relacionado com o fato de os grandes gêneros literários russos em prosa adotarem uma leitura silenciosa, muda. E foi o ajuste a esse tipo de leitura que possibilitou a superposição dos planos às estruturas entoativas que caracterizam a literatura moderna.

O discurso do outro passa, então, a funcionar como no teatro, onde não há contexto narrativo e as réplicas do herói opõem-se às das outras personagens. A relação entre contexto narrativo e discurso citado, via encenação absoluta, assume características semelhantes à alternância do diálogo, e o autor/narrador se coloca no mesmo nível de sua personagem, assumindo uma relação dialógica. Nas palavras de Bakhtin [Volochinov] (1981, p.195), “toda a atividade verbal consiste em distribuir ‘a palavra de outrem’ e a ‘palavra que parece ser a de outrem’”.

Essa dimensão dialógica assume um papel muito importante ao ponto de nossos enunciados emaranharem-se no diálogo social, na multidão de vozes emitidas, tornando-se um dizer heterogêneo. Conforme Faraco (2009, p. 85), “nossos enunciados são sempre discurso citado, embora nem sempre percebidos como tal, já que são tantas as vozes incorporadas que muitas delas são ativas em nós sem que percebamos sua alteridade (na figura bakhtiniana, são palavras que perderam as aspás)”. Seguindo essa perspectiva teórica, Authier-Revuz aborda sobre o potencial de heterogeneidade da linguagem, vendo-a sob o enfoque de seu caráter constitutivo e revelado.

3 A heterogeneidade constitutiva e mostrada

Em suas pesquisas, Authier-Revuz (1982) descreve as formas da heterogeneidade mostrada no discurso como sendo materialidades que manifestam diferentes modos de negociação do sujeito falante com o que a autora denomina heterogeneidade constitutiva. Para tanto, fundamenta a heterogeneidade externa no dialogismo de Bakhtin e na psicanálise de Lacan. Segundo Authier-Revuz (1982), “as formas sintáticas do DD e do DI exprimem, de maneira unívoca, no plano da frase, um outro ato de enunciação” (p.2). O locutor/narrador funciona como tradutor no DI, pois, por meio de suas próprias palavras, faz referência a um outro, que é a fonte do dizer relatado. Já no DD, as palavras do outro são produzidas sob um nítido recorte do dizer do locutor/narrador, o qual opera como mero porta-voz. Esses dois modelos sintáticos possibilitam que o locutor expresse com nitidez um outro discurso, no seu próprio dizer.

Outra forma de heterogeneidade, porém mais complexa, é a mostrada nas formas marcadas da conotação autonímica. Nesse caso, as palavras do outro são inscritas no fio do discurso do locutor/narrador, sem que perca sua

autonomia, ainda que sejam reveladas. Há um deslocamento a outra identidade, aquela que observa as palavras em uso, marcadas por aspas, itálico, entoação, em forma de comentário, glosa, retoque, ajustamento e recebe diferente estatuto com relação ao restante do discurso.

Quanto à heterogeneidade constitutiva, Authier-Revuz (1982) entende que ela funciona como uma ancoragem essencial no exterior do linguístico, não somente nas formas que oscilam em função das modalidades incertas de seu resgate, mas, essencialmente, nas formas mais explícitas, mais delimitadas pela presença do outro no discurso. Segundo a autora, “todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos outros discursos e pelo discurso do Outro. O outro não é um objeto (exterior, do qual se fala), mas uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso” (p. 56).

Nesse campo, inscrevem-se as formas de heterogeneidade mostrada, já que o outro se revela presente, funcionando como objeto do discurso, via mecanismo enunciativo, que, sob as variadas abordagens propostas, revelam-se como um distanciamento do sujeito falante em relação à parte de seu discurso.

Para Authier-Revuz (1982), na parte citada de um DD, o sujeito falante não coincide com o locutor/narrador, nem mesmo com o enunciador; já no caso do DIL, nem o sujeito falante, nem o locutor/narrador coincidem com o enunciador. O DD é, então, uma forma que se fundamenta na autonímia nítida do distanciamento. No que se refere à parte citada, o locutor/narrador se comporta como porta-voz, como relator de um outro ato de enunciação. Essa aparente clareza revela um modo complexo de mostrar um eu que não está significando, pois coloca o locutor/narrador em posição de exterioridade, ao ser comparado com o dizer de seu interlocutor.

A autora (1998) defende que atualmente a gramática ainda lida com o discurso do outro de maneira bastante tradicional, reconhecendo apenas três formas de representação, ou seja: o DD, o DI e o DIL. Com um olhar mais crítico, a estudiosa ressalta que o DD não é tão simples como a gramática normativa o apresenta, chegando mesmo, no seu ponto de vista, a ser relativamente mais complexo do que o DI, pois não é objetivo nem fiel ao discurso, como se costuma pensar.

Além disso, o DI não é um DD subordinado, porque não há uma derivação das regras gramaticais, mas diz respeito a duas operações radicalmente distintas do discurso do outro: a citação-relíquia (no caso do DD) e a reformulação-tradução (no caso do DI). Quanto ao DIL, o define como uma forma inteira, original, que não deve ser vista em termos de DD-DI, não sendo também um esquema específico da literatura, pois é frequentemente usado tanto no discurso oral cotidiano quanto no meio político e na imprensa.

Authier-Revuz (1998, p.134) entende que as três formas de representar o discurso relatado são importantes, mas elas constituem “uma descrição parcial e empobrecedora do campo da representação do discurso outro no discurso”. Essa representação é redutora, uma vez que existem outras formas de citá-lo como é o caso do DDL e o importante conjunto da modelização do discurso em discurso segundo (segundo fulano; para retomar as palavras de fulano, por exemplo).

No que tange à diferença entre DDL e DIL, Authier-Revuz (1998) explicita que ela reside no modo diferenciado de funcionamento dos elementos

dêiticos. No DDL, os dêiticos de pessoa, tempo e lugar são, assim como no DD, os do enunciador relator, funcionando como um DD sem introdutor e sem marca tipográfica. No uso do DIL, a questão é mais complexa, pois os dêiticos de pessoa sempre pertencem ao locutor/narrador do enunciado, ou seja, eles são, assim como no DI, reformulados em função do locutor/narrador e daquilo que é relatado. Já os dêiticos de tempo, verbais ou adverbiais, podem variar. Como se pode ver, mesmo no plano dos dêiticos, o DIL não deve ser visto como um DI sem elemento introdutório, pois ao assumir elementos expressivos, exclamativos, avaliativos e modos de dizer do locutor/narrador do discurso relatado, ele aparece como uma forma original, bivocal, misturando elementos enunciativos das duas vozes em questão.

4 O discurso relatado e seus efeitos linguístico-semânticos na crônica

Com base no estudo teórico já exposto e buscando responder as questões que norteiam este trabalho, inicia-se a análise selecionando algumas crônicas publicadas no jornal ZH. Por não ter a intenção de esgotar o tema em estudo, foram selecionados dois dos textos analisados por serem significativos ao objetivo proposto. Como o foco de estudo não é o texto como um todo, buscou-se, sem destruir o sentido construído pelo conjunto (pela textualidade), recortar trechos significativos ao funcionamento do discurso citado, nos dois textos.

A primeira crônica intitula-se **A proposta**, de Luís Fernando Veríssimo, e foi publicada no dia 17 de novembro de 2003. Tanto nesse como no outro texto analisado, foi possível identificar exemplos dos esquemas sintáticos DD, DI, DDL e DIL, bem como de outros recursos que exploram o uso do discurso citado: aspas, ironia, entoação, parênteses, reminiscência, duplo sentido; enfim, manifestações da heterogeneidade mostrada e da constitutiva.

Embora não seja uma estratégia comum, Veríssimo iniciou sua narrativa através de um DIL:

O russo dera ordens para não ser perturbado no seu quarto de hotel.” e continuou: “Seriam quatro partidas de xadrez, dele contra o computador, e o Russo já vencera duas.

Nesse contexto, questionamos: Quem é esse outro e como ele se apresenta no discurso narrativo? Por que o autor empregou o tempo verbal no pretérito mais que perfeito, quando poderia ter simplesmente empregado o pretérito perfeito, com sentido de ação acabada, factual, ou mesmo um tempo composto (deu ou tinha vencido, por exemplo)?

Por entender que o emprego desses modos verbais produz o efeito de diluir a voz do outro com a do narrador, nesse caso, o da personagem Russo. Tal estratégia possibilita que o dizer do Russo confunda-se com o do narrador, diluindo dois atos enunciativos que são vistos como uma única voz. Ao invés de voltar-se ao exterior, o narrador volta-se ao interior, mostrando o pensamento em processo de elaboração, sob forma de impressão mental ainda em desenvolvimento (BAKHTIN [VOLOCHINO], 1981).

Na sequência, há outro exemplo:

Dera ordens na portaria: acima de tudo, nenhum telefonema. E o telefone estava tocando. “Merda!” disse o russo, em russo.

Temos, nesse excerto, o caso de um DDL (conforme especifica Authier-Revuz), pois o narrador relata o discurso do Russo (a personagem), sob o esquema sintático do DI; no entanto, emprega as palavras ditas pela própria personagem. Além disso, faz uso das marcas gramaticais típicas do DD, tais como dois pontos, aspas e a fala direta (“*Merda*”).

Há também outra indicação de heterogeneidade nesse discurso, ou seja, a ironia, pois haveria necessidade de dizer que o Russo falou em russo? Esse dizer leva o interlocutor a se questionar sobre que outros sentidos subjazem a um dizer aparentemente tão óbvio. Temos, então, um dizer outro não mostrado, isto é, constitutivo (AUTHIER-REVUZ, 1982), que induz o interlocutor a interpretar possíveis dizeres que, na verdade, não são ditos, mas sugeridos, insinuados.

Situação semelhante vemos no trecho que segue:

O Russo ligou para a portaria. Não dera ordens para não ser incomodado? Não pedira, expressamente, que não passassem chamadas telefônicas para o seu quarto? Mas, senhor, nenhuma chamada foi passada para seu quarto. Nenhuma! O Russo perdeu o sono.

Novamente, identifica-se uma diferente composição sintática que combina o uso do discurso direto com o indireto, criando o efeito de sentido que dilui os dizeres do um e do outro; no caso, a fala do narrador com as das personagens (o Russo e a recepcionista do hotel). Nessa variante do DDL, o autor/narrador se coloca no mesmo nível das personagens, e tanto o uso do ponto de interrogação no segundo e no terceiro enunciados, quanto o emprego do pronome de tratamento senhor, e do numeral nenhuma, remetem ao DD que, no entanto, são diluídos ao enunciado do narrador, embora continuem marcados no discurso.

Ainda sobre esse enunciado, indaga-se: A quem pertence a voz que diz “Nenhuma!”? Seria da recepcionista que reforça seu dizer com *Nenhuma!*, sendo exclamativa e pondo ênfase na segunda sílaba? Ou seria o Russo que pronuncia *Nenhuma?!*, com tom interrogativo? Enfim, pelo modo como foi colocado, tal dizer pode ser atribuído tanto a um quanto a outro. Se a entoação estivesse especificada (característica da fala, da voz, da oralidade), saberíamos se a voz é do russo ou da recepcionista, pois esse recurso linguístico eliminaria o efeito de ambiguidade semântica, explorada na passagem em questão. Cabe destacar que, como se trata de um texto escrito (e literário), a incógnita permanece, funcionando como estratégia de construção de sentido e de superposição de diferentes atos enunciativos, possibilitando que o discurso assumia uma relação dialógica (BAKHTIN [VOLOCHINOV], 1981; FARACO, 2009).

Outro aspecto interessante nesse dizer refere-se à expressão adverbial expressamente. Que outra voz subjaz? Há uma fala constitutiva ao discurso narrativo que denota dois aspectos: a voz que repreende, pois houve um pedido expresso, nítido; e a voz que denuncia um ato de negligência, até mesmo de incompetência por parte da recepcionista, que tenta defender-se de tal ataque. Nessas condições, a quem pertence essa voz e qual seu efeito na produção do sentido desse enunciado? Entendemos esse discurso como sendo uma voz interna da personagem Russo, a qual fala sem manifestar-se com nitidez. Trata-se de um dito constitutivo do discurso, por isso, soa como um não dito, efeito de linguagem que produz sentido, na medida em que leva o interlocutor a interpretar o dizer que subjaz de tal manifestação linguística, em função do modo como é construído.

Sendo um recurso frequentemente usado nesta crônica, cita-se outro exemplo de uso das formas direta e indireta:

Atendeu o telefone. Uma voz feminina. Voz de secretária eletrônica, mas ameaçadora. Avisando ao Russo: não vença amanhã. O quê? Quem é que está falando? Não interessa. Não vença amanhã, senão...

Durante toda a informação expressa antes dos dois pontos, ouve-se a fala do narrador, de modo indireto, traduzindo o dizer citado por um outro. Todavia, após os dois pontos (característicos do DD), começa um jogo interlocutivo entre a fala de duas personagens: a secretária eletrônica (não vença amanhã – Não interessa – Não vença amanhã, senão...) e o Russo (O quê? – Quem está falando?). Enfim, temos um diálogo, embora não seja nos moldes sintáticos tradicionais, com nova linha, travessão ou, pelo menos, aspas, há uma interação; por isso denominamos essa construção de DDL (AUTHIER-REVUZ, 1982).

Ainda no mesmo trecho, há outra voz que emerge do dizer, especificando ser uma voz feminina, de secretária eletrônica, no entanto, possui tom ameaçador. Pode-se ler aí o dizer comum de que a voz feminina tende a ser mais doce do que a masculina, além de que normalmente a expressão registrada na secretária eletrônica tende a ser polida, eis o porquê do uso da conjunção adversativa (mas). Mas a quem pertence esse dizer? Ao narrador? Às personagens? A uma voz comum, universal? Com base na abordagem de Authier-Revuz (1982), entendemos ser um dizer constitutivo do discurso que, embora não seja marcado, faz-se presente, produzindo efeito de sentido ao ser interpretado pelo interlocutor.

Nessa mesma perspectiva: Qual é a importância do uso das reticências? Quais efeitos elas produzem no sentido construído na fala? Entende-se que essa marca linguística possibilita que seja aberto espaço a uma infinidade de dizeres, o qual pode ser preenchido por diversos discursos, conforme o entender do interlocutor. Enfim, ao uso estratégico das reticências subjaz uma variedade de vozes que podem se manifestar, em função do uso desse mecanismo.

Análise semelhante à anterior percebe-se em outros trechos da mesma crônica:

- 1 Mas quem são vocês? pergunta o Russo. Não interessa. Não vença amanhã, senão...;
- 2 Podemos fazer um acerto, disse a voz. Quanto você quer para entregar o jogo?";
- 3 O Russo reagiu com indignação. Minha honra não está à venda! Calma, disse a voz.

Como se pode ver, continua o jogo interlocutivo entre a fala direta e indireta (do narrador e das personagens), porém, com um elemento diferenciador: nesse caso, há um marcador típico do DD, o verbo dicendi (pergunta e disse), elemento que não se fazia presente no exemplo estudado anteriormente.

Por fim, Veríssimo encerra sua narrativa com uma construção típica, primeiro empregando o DI (fazendo uma tradução da voz do outro); depois, com o DD (dando ao outro espaço para que ele fale com suas próprias palavras, servindo, assim, de seu porta-voz, nesse exemplo, do elevador):

No dia seguinte, descendo no elevador do hotel a caminho do terceiro jogo, o Russo ouviu uma voz. Era o elevador perguntando: “Como é, pensou na nossa proposta?”

Para finalizar, recortamos um enunciado em que Veríssimo explora o uso do DI, quando o narrador funciona como tradutor do discurso citado, bem como do DIL:

O Russo perdeu a paciência. Não sabiam com quem estavam tratando! Digitou no notebook que as ameaças não o intimidariam, que derrotaria o computador no xadrez mais duas vezes e provaria que a mente humana ainda não tinha substituto à altura, que por mais que aperfeiçoassem o computador, a máquina não venceria o Homem, e...

Nesse trecho, com exceção do segundo enunciado, que apresenta características do DIL, pois deixa aflorar de modo mais nítido a voz da personagem (seus sentimentos), mostrando emoção, via ponto de exclamação e pelo uso do pretérito imperfeito, os demais enunciados manifestam-se como tradutores do dizer do Russo, por meio do DI.

Terminada a análise do primeiro texto, inicia-se o estudo da segunda crônica, sob o título **Gafes**, de Moacyr Scliar, que foi publicada no dia 11 de novembro de 2003. O autor dá início a sua narrativa com um DI, modalidade linguística que, por sinal, está bastante presente em todo o texto:

A semana encerrou com o relato de uma gafe do presidente Lula em sua viagem à África, quando declarou que não esperava encontrar na África uma cidade tão “limpa e bonita” quanto Windhoek, a capital da Namíbia.

Ficou implícito que as outras cidades africanas são pouco limpas e bonitas, o que provocou o repúdio de muita gente, inclusive de militares negros no Brasil.

Nesse dizer, pode-se observar o papel desempenhado pelo narrador: de traduzir o discurso do outro por meio de suas palavras, por sua voz, empregando, para tanto, o DI. Mas há também outro aspecto a ser destacado no recorte. Qual é a função das aspas que destacam os adjetivos limpa e bonita? Por que o autor/narrador fez questão de chamar a atenção sobre essa informação? Quais são as vozes que emergem com o uso dessa estratégia discursiva?

Conforme Authier-Revuz (1982), as aspas são elementos da heterogeneidade mostrada, pois aparecem marcadas no discurso e funcionam como estratégia para representar o dizer do outro. No entanto, como elas precisam ser interpretadas pelo interlocutor, isso torna o processo dessa heterogeneidade mais complexo do que quando as marcas estão explícitas, sem exigir interpretação. Investigando, então, o exemplo acima destacado, defende-se que as aspas representam a voz de um outro que alerta e critica sobre o deslize cometido pelo presidente Lula, pois ao elogiar aquela cidade, considerando-a limpa e bonita, ele deixou fluir (mesmo que implicitamente) outro dizer: o de que as outras cidades africanas são sujas e feias, o que pode ser entendido como ofensa, por isso, Scliar a denomina de gafe.

Ainda na segunda crônica, aparecem outros casos de aspas, por exemplo:

O primeiro ministro da Itália, Silvio Berlusconi, é famoso por fazer comentários pouco diplomáticos: “gafes planetárias”, segundo o ex-primeiro-ministro Massimo D’Alema. Ainda recentemente, Berlusconi, que se considera “o maior líder da Europa e do mundo”, ofendeu um parlamentar alemão ao compará-lo a um guarda de um campo de concentração nazista. E nem o sisudo presidente francês Charles de Gaulle escapou de uma gafe, segundo conta Ruy Castro.

E ainda:

Mas aí surgiu o diretor e ator Jacques Tati, aquele do conhecido filme, *Mon Oncle*, “Meu tio”. “Jacques Tati”, murmurou o assessor. De Gaulle não entendeu bem, e o assessor repetiu: “Jacques Tati. Meu tio”. De Gaulle então abraçou Tati: -Tenho muito prazer em conhecê-lo. E quero aproveitar a oportunidade para lhe dizer que seu sobrinho é um grande assessor”.

As aspas funcionam como recurso marcado e fazem referência a um dizer citado que é dito sem ser dito, por isso precisa ser interpretado. Inicialmente, em “gafes planetárias”, há uma voz que se refere a todos os tipos

de gafes realizadas no planeta, um conjunto que engloba, em um único discurso, todas as gafes do mundo. Já no caso da expressão “o maior líder da Europa e do mundo”, há um tom irônico, pois o primeiro-ministro se considera o melhor, sendo que o uso das aspas sugere não ser essa opinião de consenso geral, criando assim a ironia (BRAIT, 2006), que também consiste em um mecanismo de heterogeneidade na linguagem.

Na sequência do texto, as aspas voltam a funcionar, só que agora para fazer referência a nomes estrangeiros: primeiro a um filme (*Mon Oncle*) e depois a seu diretor (Jacques Tati); bem como para representar a fala direta do assessor (“Jacques Tati. Meu tio”). No mesmo fragmento, é possível observar outro tipo de heterogeneidade mostrada, aquela marcada pelo uso da palavra segundo, que faz menção ao dizer de um outro, funcionando como reformulação do dizer alheio. Tal recurso é frequentemente empregado no texto científico, por meio de citação ou de paráfrase.

Considerações finais

A investigação sobre o funcionamento do discurso do outro na crônica confirma a afirmação de Bakhtin [Volochinov] (1981) de que o campo literário lida com mais liberdade com o discurso citado do que o retórico, em função de seu caráter ficcional e de seu potencial de criação, o que torna seu dizer mais maleável e criativo. No entanto, considerando a natureza da crônica jornalística (caráter dos textos analisados), esperava-se encontrar uso mais acentuado da manifestação do dizer do outro por meio do DD, uma vez que tal sistema sintático tem sido definido como propício para expressar a voz do outro de maneira mais espontânea e mais convincente e, muitas vezes, é tido como característica típica da crônica. Mas não foi o que ocorreu, pois encontrou-se com mais assiduidade o locutor/narrador traduzindo o discurso do outro através do DI e do DIL.

Além do DD e do DI, a voz do outro ganhou espaço na narrativa por meio de esquemas mais complexos como é o caso do DDL e do DIL. Essas estruturas são vistas como mais complexas porque englobam uma interlocução de vozes: a do locutor/narrador e a da personagem, misturando mensagem traduzida (via narrador) com a própria voz da personagem, inclusive com emoção e sentimento. Como especifica Bakhtin [Volochinov] (1981), e também Authier-Revuz (1982), ao integrar-se à estrutura do discurso, o dizer do outro passa a fazer parte desse tema, sem, no entanto, perder a autonomia sobre seu próprio tema. Essa complexidade é tamanha que o discurso de outrem passa a fazer parte do contexto narrativo, ajustando-se a ele, porém, sem perder sua integridade, sua autonomia. Ao comparar os dois discursos, o DDL e o DIL, percebe-se que o primeiro apresenta marcas mais nítidas do que o segundo, embora os dois expressem-se livremente, ou seja, de modo constitutivo.

Após analisar as vozes presentes nas duas crônicas selecionadas, foi possível constatar que cada narrador dá a palavra ao outro tanto de modo mostrado quanto constitutivo. Ora o locutor/narrador afasta-se mais do outro, mostrando-o; ora aproxima-se dele, envolvendo-o em seu dizer, constitutivamente, deixando-o velado. Ao buscar exemplos de heterogeneidade mostrada e constitutiva em no objeto de estudo, encontrou-se tanto de um tipo quanto de outro. Sob a forma de heterogeneidade mostrada, identificou-se o uso das aspas, dos parênteses, o emprego da palavra segundo, além dos próprios esquemas sintáticos do DD e do DI. Sob a forma da heterogeneidade

constitutiva, verificou-se o emprego do duplo sentido, com superposição de dizeres; da ironia; da reminiscência; da alusão; da entoação e dos esquemas com discursos livres (DDL e DIL).

Enfim, ainda que se tenha efetuado a análise de apenas dois textos, o que, no entanto, se mostra suficiente ao objetivo desta proposta, pode-se dizer que o discurso do outro se faz presente na crônica desempenhando importante papel nos sentidos produzidos por esse gênero. Às vezes, o discurso do outro é manifestado de modo marcado, mostrado (isso acontece quando o narrador afasta-se do dizer do outro, separando-o de sua voz); outras vezes, é expresso de forma constitutiva (aproximando e diluindo seu dizer com a voz do outro), dependendo do efeito semântico que o autor almeja atribuir ao sentido que produz em sua crônica.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva**: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: DRLAV, n.26, Paris, 1982.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas: UNICAMP, 1998.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.
- FIORIN, J. L. Intertextualidade e interdiscursividade. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006, p. 157-193.
- SCLIAR, M. **Gafes**. Zero Hora, publicado em 11-11-2003.
- VERISSIMO, L. F. **A Proposta**. Zero Hora, publicado em 17-11-2013.

Recebido em 03 de setembro de 2017.

Aprovado em 15 de abril de 2018.

Publicado em 31 de junho de 2018.

SOBRE A AUTORA

Cleide Inês Wittke é doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria. Concluiu em 2015 seus estudos de pós-doutorado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, na Universidade de Genebra (UNIGE), com bolsa da Capes. É professora Associada na Universidade Federal de

Pelotas desde 2009, atuando na Graduação e na Pós-graduação do Centro de Letras e Comunicação. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase nessas teorias: Análise do Discurso, Semântica Argumentativa, Linguística Textual, Interacionismo Sociodiscursivo, atuando principalmente nos seguintes temas: material didático, ensino de língua materna, PCNs, discurso e gramática, texto, sentido, gêneros textuais, formação de professores, estratégias de leitura e de escrita, ressaltando a importância da reescrita e didática.

E-mail: cleideinesw@yahoo.com.br